

MÉTODO FÔNICO DE ALFABETIZAÇÃO: A NOVA INDICAÇÃO DO MEC

JERKE, Raquel B.

RU: 1810471

Orientadora: ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

Através de uma pesquisa bibliográfica sobre a alfabetização no Brasil, fez-se um estudo sobre os principais métodos usados nas escolas de todo o país, bem como das orientações metodológicas nas políticas públicas das últimas décadas. O objetivo principal da pesquisa foi avaliar o método fônico de alfabetização, em busca de uma comprovação científica para o seu uso, já que esta técnica é a mais nova indicação do Ministério da Educação e o seu uso está sendo incentivado aos professores de escolas públicas e privadas, bem como aos pais de crianças em idade pré-escolar. Esta abordagem do MEC tem gerado discórdia entre os especialistas, pois, apesar de se tratarem de métodos e técnicas tradicionais, elas vão de contramão ao que vinha sendo estabelecido anteriormente. Desde os anos 1980, as teorias socioconstrutivistas e os métodos globais de alfabetização substituíram o ensino tradicional, tomando conta de todos os espaços educacionais. A principal proposta socioconstrutivista foi transferir o foco do professor ao aluno na sala de aula, fazendo dele o grande protagonista de sua própria aprendizagem. Desta forma, foi colocada sobre os alunos, uma responsabilidade que, mais tarde, se comprovou extremamente danosa, deixando grandes prejuízos no desempenho escolar de toda uma nação. Em contrapartida, o método fônico e a consciência fonológica já possuem eficácia comprovada e demonstram ser a melhor abordagem para o sucesso acadêmico, principalmente aos alunos com dificuldade de aprendizagem. Concluiu-se que esta abordagem pode ser a grande responsável por uma melhora significativa da educação brasileira, mesmo que isso demore a acontecer.

Palavras-chave: Alfabetização. Método Fônico. Consciência fonológica. Políticas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

O crescente e permanente fracasso do ensino brasileiro chama atenção. A educação é um direito básico e fundamental de qualquer cidadão que deve ser exercido com qualidade e excelência, mas, o Brasil está muito distante deste ideal. Dentre os principais problemas encontrados no sistema de ensino brasileiro estão, a indisciplina dos alunos e o analfabetismo, o que compromete qualquer tentativa de sucesso escolar. É muito comum que estes problemas sejam atribuídos a falta de recursos financeiros no sistema de educação básica. Porém, apesar dos crescentes investimentos neste setor, os índices só continuaram a piorar.

Os problemas da educação brasileira são complexos, seria ingenuidade atribuir todo o seu fracasso somente a uma questão, principalmente achar que o recurso financeiro por si só melhoraria o desempenho dos alunos brasileiros nas importantes avaliações internacionais. Porém, existe um fator de suma importância para garantir o sucesso da alfabetização, que é a base para todo o ensino posterior, que é questão dos métodos. Há muitos anos o Brasil tem adotado métodos de alfabetização baseados na teoria socioconstrutivista, abandonando os métodos e as técnicas tradicionais de ensino. Pesquisas importantes têm demonstrado o fracasso destas abordagens e os danos causados por elas na educação de nosso país.

Atualmente, a nova Secretaria de Alfabetização, tem buscado respaldos científicos para construir um novo caminho de ensino baseado em métodos que sejam comprovadamente eficazes. Porém, por se tratarem de métodos tradicionais, a sua implementação tem gerado polêmicas e discórdias entre os especialistas da área. Desta forma, este estudo mostrou sua relevância ao avaliar as mais atuais escolhas e indicações do Ministério da Educação e da Secretaria de Alfabetização quanto a alfabetização das crianças brasileiras, seja no ensino público ou privado. E pôde, através de pesquisas já realizadas, prever de certa forma se estas escolhas trarão resultados a longo prazo mais positivos ou negativos para o índice de alfabetização no Brasil, que por muitos anos, tem se mostrado um verdadeiro fracasso.

O objetivo principal deste estudo foi avaliar o método fônico de alfabetização, e assim, pôde-se avaliar se ele é, ou não, a melhor abordagem para a alfabetização no Brasil, se ele traz resultados comprovados, e ainda, se o uso deste método se aplica de forma satisfatória em alunos que apresentem quaisquer dificuldades de aprendizagem. Este estudo foi possível através do uso do método de pesquisa bibliográfica.

O método de pesquisa bibliográfica consiste na atividade de investigação em materiais teóricos já existentes sobre o tema em questão. Esta pesquisa precedeu a delimitação do tema, a problemática e todo o questionamento sobre o assunto abordado neste trabalho. Foi através da leitura de diversas obras sobre o tema que foi finalmente, escolhida a direção e o rumo deste estudo. Assim, a leitura sobre o tema começou juntamente com todo o desenrolar do curso de Licenciatura em Psicopedagogia.

Dentre as diversas obras lidas sobre o assunto deste estudo, foi escolhido o livro de Kátia Simone Benedetti de 2020 com título de “A falácia socioconstrutivista: por que os alunos deixaram de aprender a ler e escrever” como a principal obra e livro-texto da presente pesquisa. Esta obra é de extrema importância para a área da psicopedagogia pois se trata de um livro extremamente atual que discorre sobre as principais causas do desensino nas escolas de nosso país. É uma das maiores obras nacionais sobre o assunto e é especialmente relevante por se tratar dos problemas específicos do Brasil, segundo a sua realidade.

O livro é escrito por uma professora que conhece bem a sala de aula e os problemas que são enfrentados dia após dia pelos profissionais da educação. Benedetti (2020) conhece os desafios que os alunos brasileiros têm passado e os danos que foram causados por anos de desensino a partir de práticas pseudocientíficas que prejudicaram várias gerações de brasileiros.

Além desta obra, e de outras, também foi feita uma pesquisa em diversos materiais que estão disponíveis nas plataformas digitais do Ministério da Educação (MEC). Atualmente, a secretaria da alfabetização tem lançado programas e cursos de formação continuada para professores da educação básica ensinando técnicas e métodos de literacia e alfabetização que apresentam uma eficácia que já foi cientificamente aprovada por diversas pesquisas internacionais.

Além dos professores, as políticas públicas da secretaria de alfabetização também têm incentivado e contemplado a participação dos pais neste processo importante do desenvolvimento infantil e assim, tem feito programas e cursos voltados a eles. Todo este material disponível no AVA do MEC foi analisado cuidadosamente para o melhor proveito deste estudo.

2 POLÍTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

É fato que a educação no Brasil vem de mal a pior nos últimos anos. Dentre os principais problemas da educação brasileira, obviamente se encontram a “indisciplina e a incapacidade de leitura-escrita dos alunos” (BENEDETTI, 2020, p.15). A isto, tem se atribuído constantemente “às políticas públicas inadequadas e, principalmente, à falta de investimento na educação” (ibid, p.41). Porém, segundo os estudos da OCDE de 2019, o Brasil é um dos países que mais investe em educação em relação a proporção do PIB. A pesquisa afirma que

Apesar da forte pressão social para a elevação do gasto na área de educação, existem evidências de que a atual baixa qualidade não se deve à insuficiência de recursos. Tal observação não é específica ao Brasil, tendo em vista que já é estabelecida na literatura sobre o tema a visão de que políticas baseadas apenas na ampliação de insumos educacionais são, em geral, ineficazes (VALERIANI, 2021).

Novos estudos científicos têm sido feitos sobre a natureza do aprendizado da leitura e da escrita e, segundo a autora Benedetti (2020, p.41), a causa básica para isto é muito específica: “a absoluta inadequação da abordagem global de alfabetização e de ensino adotados em nosso país”. Por muitos anos, as políticas públicas de alfabetização no Brasil insistiram em abordagens e métodos socioconstrutivistas, com o intuito de promover a autonomia do aluno em seu próprio processo de aprendizagem (ibid, 64). E, “embora a má qualidade do ensino brasileiro [...] não tenha como causa única o aspecto metodológico, ele é, sem dúvida, um dos mais relevantes” (ibid, p. 23).

Desde meados da década de 1980, houve uma revolução conceitual em todo a América Latina em suas abordagens e métodos de ensino baseados na ideia errônea de que a aquisição da habilidade de leitura e escrita se equipara a

aquisição da fala, ou seja, de forma natural, fazendo parte do processo de desenvolvimento cognitivo humano. Assim, as políticas de alfabetização no Brasil seguiram modelos pedagógicos que buscaram acabar com a tradição do ensino explícito e sistematizado, “conteudísta”, assim chamado por eles

sob o argumento de que a sistematização progressiva de conteúdos específicos por meio de métodos, bem como o ensino explícito do princípio alfabético seriam procedimentos artificiais “mecanicistas” que não consideram a criança como sujeito do próprio aprendizado. (Ibid, p. 65).

Na pedagogia construtivista, o aprendizado da leitura e da escrita passou a ser considerado como um processo natural e espontâneo do desenvolvimento cognitivo infantil, tal qual a fala, que necessitasse apenas da imersão da criança em um ambiente favorável e rico em estímulos. Assim também, o papel do professor se transforma completamente, pois, ao invés do ensino diretivo e explícito e da transmissão do conteúdo, cabe ao professor, chamado agora de “educador” ou “facilitador, ou ainda “mediador” a função apenas de mediar o processo natural de alfabetização da própria criança (ibid, p.48), sendo ela a grande responsável pelo seu próprio aprendizado.

Pouco a pouco, toda educação brasileira foi dominada pela rejeição à “concepção de ensino-aprendizagem como processo de transmissão-apropriação de conhecimentos, e substituída pela concepção de ensino como processo de desenvolvimento de habilidades e modelagem de comportamento” (ibid, p. 81). A abordagem socioconstrutivista “passou a ser o aporte teórico não apenas dominante na área educacional brasileira, mas praticamente absoluto” (ibid, 66) em todos os sistemas de educação do país, desde o público até o privado. Isso ocorreu, principalmente, porque tais abordagens foram oficialmente adotadas pelo Ministério da Educação (MEC) a partir das políticas públicas, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (ibid, p.19).

Conforme estas políticas socioconstrutivistas foram sendo implementadas, juntamente com a abordagem global de alfabetização proveniente delas na educação nacional, a posição do Brasil em importantes pesquisas, como o PISA, foram despencando ano após ano. Toda esta pseudociência que acabou com a transmissão de conteúdo tradicional nas

escolas, transformando as em meros ambientes de promoção apenas das “interações sociais” não contribuiu em nada na melhora do desempenho educacional do Brasil. Pelo contrário, o desrespeito dos alunos por seus professores só aumenta e o desempenho escolar só continuou despencando. Assim, tudo indica que a abordagem pedagógica socioconstrutivista, juntamente com os métodos globais de alfabetização são os grandes responsáveis pelo péssimo desempenho dos brasileiros nas avaliações internacionais (ibid, p.41).

Por causa de todo esta revolução que ocorreu no ensino brasileiro, os métodos tradicionais de alfabetização, como o Método Fônico, foram abandonados pelas últimas décadas no Brasil. Eles foram duramente criticados pelos socioconstrutivistas por serem sistemáticos e exigirem o treino e a memorização (ibid, p.39). Porém, várias pesquisas recentes têm apontado para a sua eficiência na aprendizagem da leitura e da escrita. Recentemente, o Ministério da Educação tem reconhecido isto e está num processo de volta as tradições, em busca de um novo caminho para a alfabetização no Brasil afim de melhorar os índices internacionais e, principalmente, de acabar com a analfabetismo no país, que vinha crescendo desenfreadamente.

Assim, desde 2019, foram instauradas diversas políticas públicas completamente opostas ao que vinha sendo feito no país. A proposta da nova secretaria de alfabetização do Brasil é oferecer um método de alfabetização que seja verdadeiramente baseado na ciência. Desta forma, foi reconhecida a importância da consciência fonológica, que é cientificamente comprovada como o “preditor de sucesso mais importante em leitura” (ibid, p.70). A partir disto, o MEC e a Secretaria de Alfabetização têm oferecido ferramentas aos pais e professores para que estes possam auxiliar o desenvolvimento da consciência fonológica promovendo a alfabetização das crianças.

Conforme a Política Nacional de Alfabetização vigente no país, ela pretende

inserir o Brasil no rol de países que escolheram a ciência como fundamento na elaboração de suas políticas públicas de alfabetização, levando para a sala de aula os achados das ciências cognitivas e promovendo, em consonância com o pacto federativo, as práticas de alfabetização mais eficazes, a fim de criar melhores condições para o ensino e a aprendizagem das habilidades de leitura e de escrita em todo o país (PNA ARTIGO A ARTIGO).

Para isso, a Secretaria de Alfabetização tem disponibilizado uma série de ferramentas e programas para pais e professores. São eles, o programa “Conta pra mim” que ensina aos pais as técnicas de literacia familiar que contribuem com a consciência fonológica e conseqüentemente com o sucesso na alfabetização de seus filhos mais tarde promovida pela escola; e o programa “Tempo de Aprender” voltado aos educadores e professores da educação básica para que estes dominem as técnicas de consciência fonológica e de alfabetização baseada na ciência. Ambos os programas estão disponíveis gratuitamente para todos no site do MEC (FORMAÇÃO CONTINUADA EM PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, 2021).

A partir da prática e da implementação de tais políticas públicas instauradas pela Secretaria da Alfabetização, o governo atual pretende cumprir o disposto na meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) que afirma: *“Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”* (PNA ARTIGO A ARTIGO, 2021). Para cumprir tal meta, as políticas terão seu foco tanto “na pré-escola, fase em que a criança adquire habilidades necessárias para ser alfabetizada, quanto no 1º e 2º ano do ensino fundamental, período em que se concretiza efetivamente o processo de alfabetização” (ibid).

3 MÉTODO FÔNICO DE ALFABETIZAÇÃO

Existem basicamente duas categorias de métodos de alfabetização, os de abordagem sintética (que partem das partes ao todo, letra-texto) e os de abordagem global ou analítica (que partem do todo às partes, texto-letra). Historicamente, o Brasil abandonou os métodos sintéticos, dentre eles o método fônico, pois foram considerados tradicionais e mecânicos, já que exigem o ensino explícito e sistemático, além da memorização.

Apesar das duras, e errôneas, críticas ao método fônico, os estudos “nas áreas de neurociência do aprendizado e psicologia cognitiva têm evidenciado a superioridade dos métodos fônicos em relação aos demais métodos de alfabetização, em especial aos analíticos” além de que “as dificuldades de leitura e escrita são minimizadas pela intervenção fônica e que esses efeitos positivos são permanentes” (BENEDETTI, 2020, p.29).

Os métodos fônicos surgiram na Alemanha e na França em meados do século XVIII, onde foram criados programas de alfabetização baseados no ensino explícito dos fonemas. Com o passar do tempo, estes métodos foram aprimorados e atualmente se resumem a partir do chamado “princípio alfabético”: a consciência da correspondência entre grafema-fonema, ou seja, a consciência de que cada letra representa um som da fala (ibid, p.27). Esta é a base do método fônico, e, ao contrário do que diziam os socioconstrutivistas, esta relação não se dá de forma natural no desenvolvimento cognitivo da criança, mas se dá através do ensino explícito e sistemático (ADAMS et al. 2006, p.20) e da formação da consciência fonológica.

A consciência fonológica é a compreensão de que os fonemas representam as mínimas unidades sonoras que constituem a fala e a habilidade de combinar e recombina os sons para formar novas palavras (BENEDETTI, 2020, p.156). Esta parece ser uma habilidade fácil de ser adquirida, porém, ela se dá, principalmente, através do ensino sistemático e explícito (ADAMS et al. 2006, p.20). Este pode ser o segredo de uma educação bem-sucedida a longo prazo, pois, “o nível de consciência fonológica de uma criança ao entrar na escola é considerado o indicador individual mais forte do êxito que ela terá ao aprender a ler” (ibid, p.20). Atualmente, “são cada vez mais abundantes os estudos que evidenciam a estrita relação entre consciência fonológica e desenvolvimento da leitura-escrita” (BENEDETTI, 2020, p.147).

Assim, o “nível de consciência fonológica de crianças em idade pré-escolar predizem em muito seu futuro sucesso na aprendizagem da leitura” (ADAMS et al. 2006, p.20), inclusive no seu desempenho escolar até o ensino médio, sendo ainda, um fator principal para acabar com o analfabetismo até mesmo em adultos. As pesquisas revelam que “uma consciência fonológica mal desenvolvida é a principal dificuldade para um grande número de crianças que apresentam problemas para aprender a ler” (ibid, p.23).

Como apresentado, o método fônico consiste basicamente na consciência grafema-fonema a partir de uma exposição sistemática. Para o sucesso da alfabetização através deste método, é imprescindível que haja o ensino explícito de cada etapa da consciência fonológica. Estas etapas foram estudadas e organizadas e estão disponíveis no site do MEC no curso “Tempo de Aprender”

(FORMAÇÃO CONTINUADA EM PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, 2021). São elas:

1. Aprendendo a ouvir: desenvolver os sons da linguagem (rimas, sílabas, aliterações, palavras e fonemas) é um passo fundamental para a aquisição da habilidade de leitura e escrita. Saber distinguir bem os sons da fala é o primeiro passo para o sucesso da alfabetização.
2. Conhecimento alfabético: compreender que as letras do alfabeto são os grafemas que representam os sons da fala (princípio alfabético).
3. Fluência em leitura: é a habilidade de ler um texto oralmente com velocidade, precisão e prosódia. Esta habilidade é fundamental para a compreensão de texto.
4. Desenvolvimento de vocabulário: conhecer um bom número de palavras é fundamental, pois são elas que garantem a comunicação eficaz.
5. Compreensão de texto: envolve extrair os significados e identificar a mensagem de um texto, ou seja, é o objetivo final da leitura.
6. Produção de escrita: é a habilidade de escrever palavras e redigir textos a fim de comunicar algo.

Pode se perceber, que o ensino através do método fônico é progressivo, ou seja, ele avança das etapas mais simples até as mais complexas, o que facilita muito a compreensão do aluno, pois ele constrói seu conhecimento de degrau em degrau de forma que cada conhecimento prévio serve como base para um novo conhecimento mais complexo.

Porém, não é isso que se tem visto nas escolas. Desde meados da década de 1980, os alunos foram impedidos de “subir esta escada” degrau a degrau. Em nome da autonomia da criança e em defesa de seu “processo criativo”, as crianças foram largadas em meio a textos e livros que estão muito distantes de sua capacidade a fim de descobrirem por si só o código alfabético através de inúmeras tentativas e erros.

As crianças não recebem mais o ensino que lhes cabe por direito, ao contrário, elas estão a mercê de suas próprias reflexões para então, conseguirem, praticamente sozinhas aprenderem, ou decorarem palavras.

A ação pedagógica passa, portanto, do ensino sistemático e organizado a promotora da “reflexão”. O foco agora é a valorização das tentativas das próprias crianças de compreender o código escrito. Essa abordagem é nociva porque priva a criança do ensino que ela deveria receber, deixando-lhe sozinha diante do desafio de se alfabetizar, contando apenas com seus próprios “conflitos”. E essa abordagem é cruel porque torna o processo de aprendizagem um verdadeiro calvário para as crianças com déficits sensoriais e cognitivos (BENEDETTI, 2020, p. 192).

Desta forma, o ensino através de métodos globais privou e ainda priva seus alunos de receberem os alicerces do conhecimento que precisam para utilizarem a linguagem com eficácia, e isto tem deixado graves sequelas nas novas gerações de brasileiros. Ao invés de receberem o “ensino a que tinham direito, nossas crianças passaram a ter que contar com o próprio esforço para conseguirem se alfabetizar” (ibid, p. 194). Como consequência, a realidade tem mostrado cada vez mais que estes métodos transformaram “a vida escolar de nossos alunos em um fardo muito maior do que deveria ser” (ibid, p. 194).

O único ensino que realmente funciona, garantindo ao aluno a capacidade leitora autônoma, é o “ensino explícito, organizado, progressivo, intensivo e repetitivo das correspondências grafofonêmicas” (ibid, p. 166). Já os métodos globais, apresentam dois problemas principais: a simples exposição da criança a textos não é suficiente para que ela consiga, sozinha, construir suas hipóteses sobre o código alfabético; e segundo, o “método global não permite ao aprendiz generalizar o procedimento da leitura para as palavras novas” (ibid, p.167). Isto é um problema grave, já que saber ler é “saber decodificar qualquer palavra nova com a qual nos deparamos” (ibid, p. 167).

Assim, fica evidente que, como concluíram as recentes pesquisas da neurociência cognitiva, não existem diversos métodos eficazes, ou formas de alfabetizar um aluno. Apesar de cada criança ser diferente e única, não existem vários modos de aprender. No que “se refere ao aprendizado da leitura, todas compartilham dos mesmos mecanismos neuronais para realizar esse aprendizado” e “segundo as pesquisas cognitivas, não há sequer diferentes tipos de aprendizes” (ibid,163), ou seja, as crianças são mais semelhantes do que diferentes em seu modo de pensar e aprender. Desta forma, pode se concluir que o currículo escolar deveria estar mais focado e organizado a partir de conteúdos do que de habilidades e competências, ou mesmo em estilos de aprendizagem.

Em síntese, ao invés de partir dos aspectos globais da linguagem em direção aos aspectos específicos, deve se fazer o completo oposto, e é exatamente isto que a nova secretaria da alfabetização tem busca fazer ao promover o retorno às práticas tradicionais (sintéticas) de alfabetização através de suas políticas públicas. Tudo indica que as mudanças e a nova direção do MEC, juntamente com o trabalho do professor Carlos Nadalim à frente da Secretaria da Alfabetização e o uso sistemático do Método Fônico podem contribuir numa melhora significativa da educação brasileira. É claro que este é um trabalho que exige muito tempo e os seus resultados virão a longo prazo.

4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Por muito tempo, o processo de alfabetização foi colocado nas mãos dos próprios alunos através de métodos globais e em nome da autonomia e criatividade da criança. Sem o ensino sistemático e explícito do princípio alfabético, muitas crianças acabam por se frustrarem pois, ao invés de conseguirem decifrar o código alfabético, elas estão constantemente adivinhando palavras, o que exige muito mais de sua memória. Se este processo já é desgastante e frustrante para crianças consideradas “normais”, muito mais então para as crianças com dificuldades de aprendizagem.

Como ficou claro, toda criança faz grande proveito do método fônico, pois ele é organizado e progressivo, de forma que a criança aprende pouco a pouco o código alfabético até que o domine por completo e, somente então, posso partir para o significado de um texto. Crianças com dificuldades, por sua vez, “necessitam ainda mais do auxílio de exercícios fonológicos” (BENEDETTI, 2020, p. 167). E é justamente por isso que “a abordagem global de ensino é tão perniciosa: pois não permite a consolidação progressiva de conhecimento factual de base para novos aprendizados” (ibid, p. 284) e nem permite as atividades repetitivas e os treinos de caligrafia que sistematizam e organizam o processo de aprendizagem. Também foi esclarecido que os métodos globais não só dificultam o aprendizado, como também “deixam sequelas permanentes na habilidade leitora dos alunos” (ibid, p. 144).

São inúmeros os estudos que comprovam os prejuízos dos métodos globais, especialmente para as crianças com dificuldades de aprendizagem. Sob o argumento de não tolher a autonomia da criança e de desenvolver práticas significativas, os socioconstrutivistas deixaram de transmitir conteúdos organizados e largaram as crianças por conta própria, negando completamente todas as necessidades neurobiológicas das crianças no processo da alfabetização (Ibid, p.269).

Neste processo desgastante de aprendizagem, algumas crianças, com muito esforço, até conseguiam atingir a “hipótese alfabética”, mas

aquelas com algum tipo de dificuldade de aprendizagem, déficit sensorial ou cognitivo (e que não tinham condições de, por si mesmas, compreenderem que a escrita é um código visual que transcreve os sons da fala), passaram a enfrentar um verdadeiro calvário escolar. (Ibid, p. 210).

A prática global e socioconstrutivista no processo de alfabetização tem dificultado e muito o aprendizado de seus alunos, ainda mais, “aquelas com algum tipo de dificuldade de aprendizagem estão sendo massacradas por esse desensino...” (Ibid, p.180).

Atualmente, já existem diversas técnicas e abordagens baseados em métodos fônicos que tem eficácia comprovada em “minimizar consideravelmente as dificuldades do processo de alfabetização das crianças disléxicas, inclusive prevenindo a manifestação de sintomas ou atenuando-os” (Ibid, p.180), melhorando o desempenho escolar do aluno. Desta forma, pode-se concluir que, se o método fônico já é vantajoso para o ensino de leitura-escrita em crianças sem dificuldades naturais de aprendizagem, quanto mais as crianças com tais dificuldades. Pode-se dizer ainda que muitas das dificuldades de aprendizagem encontradas hoje nas crianças brasileiras poderiam ser drasticamente diminuídas ou até mesmo erradicadas com o uso de métodos e técnicas com eficácia cientificamente comprovada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde se perceber ao longo deste estudo que a questão dos métodos já está resolvida, inúmeras pesquisas internacionais demonstraram a superioridade do método fônico de alfabetização em relação aos demais. Desta forma, é evidente que as novas políticas públicas que o Ministério da Educação, juntamente com a Secretaria de Alfabetização apontam para o caminho do sucesso da educação brasileira, mesmo que este seja ainda um longo caminho a percorrer até que toda a educação seja transformada e mude a sua abordagem de ensino. Assim, mesmo que o sucesso seja quase que garantido, ele pode demorar a chegar de fato, isso, porque o Brasil passou muitas décadas enfraquecendo seu povo intelectualmente através de metodologias danosas e técnicas de ensino pouco eficazes.

Apesar da questão dos métodos não ser a única responsável pelo fracasso da educação brasileira, tudo indica que ela seja uma das principais. Através deste estudo, fica evidente que o simples aumento de recursos financeiros na educação de um país não é um indicativo e nem uma garantia de uma melhora efetiva nos índices de educação. Atualmente, com o auxílio de inúmeras pesquisas científicas sérias, não é mais preciso fazer experimentos nas escolas, deixando professores e alunos perdidos a procura de desenvolver suas próprias técnicas e meios de aprendizado através da construção de inúmeras hipóteses, de tentativas aleatórias e erros incontáveis.

Se um método de alfabetização já é considerado, através de muita pesquisa, como realmente eficaz no processo de ensino da leitura-escrita, seria um crime ao povo brasileiro, privá-los do acesso a este conhecimento e de todo o proveito que ele pode trazer na educação de todo um país. O método fônico de alfabetização tem eficácia comprovada e a consciência fonológica é o fator mais importante para o sucesso escolar, desta forma, toda criança brasileira tem o direito de ser instruída através destas técnicas e não, como tem sido feito por anos, ser simplesmente deixada a sua própria sorte, buscando encontrar sozinha o caminho de sua própria aprendizagem.

Foi possível perceber, também, através deste estudo, que o papel do professor precisa ser resgatado. O professor deve ser a autoridade na sala de aula. Ele deve ter o conhecimento e ser o transmissor de conteúdo. Um bom

professor conhece os melhores métodos de ensino e faz uso deles. Os alunos, por sua vez, estão na escola para receber o ensino e não para serem protagonistas de sua própria aprendizagem. Deixar a responsabilidade do ensino nas mãos dos alunos é na verdade uma irresponsabilidade que acaba gerando um fardo muito grande aos alunos, quanto mais aos alunos que apresentam quaisquer dificuldades de aprendizagem.

Fazer uso de métodos sintéticos e tradicionais de alfabetização não é um retrocesso, é fazer uso de técnicas comprovadamente eficazes. Através destes métodos é possível organizar o conteúdo de forma sistemática e progressiva de forma que os alunos sejam privilegiados pelo acesso que receberam a um ensino de qualidade. Isso não quer dizer que a sala de aula será um ambiente monótono, e muito menos que ele irá tolher a autonomia e a criatividade dos alunos. Pelo contrário, uma criança que compreende o princípio alfabético e verdadeiramente aprende a ler, poderá ter acesso a uma infinidade de livros e conhecimentos no futuro e poderá buscar o seu próprio caminho de aprendizagem a medida em que domina os princípios e bases da língua portuguesa. Ensinar uma criança a ler é deixá-la livre para aprender o que quiser através da leitura, porque, primeiro é preciso aprender a ler, para somente então, ler para aprender.

REFERÊNCIAS

ADAMS, FOORMAN, LUNDBERG e BELLER. **Consciência Fonológica em crianças pequenas**. 1ª Edição. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

BENEDETTI, Kátia S. **A falácia socioconstrutivista** por que os alunos brasileiros deixaram de aprender a ler e escrever. 1ª Edição. Campinas: Kírion, 2020.

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO. **Tempo de Aprender**, 2020. Disponível em:

<https://avamec.mec.gov.br/#/instituicao/sealf/curso/5401/informacoes>. Acesso em 19 de março de 2021.

PNA ARTIGO A ARTIGO. **Ministério da Educação**, 2021. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/politica-nacional-de-alfabetizacao-2/pna-artigo-a-artigo>. Acesso em 19 de março de 2021.

PRATICAS DE LITERACIA FAMILIAR. **Conta pra mim**, 2020. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em 19 de março de 2021.

VALERIANI, Thales. Países que mais investem em educação: veja a situação do Brasil. **Quero bolsa**, 2021. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/paises-que-mais-investem-em-educacao-veja-a-situacao-do-brasil>. Acesso em 14 de setembro de 2021.